

**Manifestantes  
sírios pedem  
a queda de  
Assad à  
medida que a  
crise  
econômica se  
aprofunda**



**The Guardian**

**Bethan McKernan**

**12 de Junho de 2020**

**Marchas realizadas nas ruas de Sweida em meio ao aumento dos preços dos alimentos e à desilusão com a corrupção**

Uma cidade na Síria controlada pelo regime está pronta para novos protestos neste fim de semana, já que uma crise econômica crescente que envolve até mesmo os mais leais apoiadores de Bashar al-Assad representa o maior desafio para o seu domínio do país em anos.

A comida é agora mais cara do que em qualquer outro momento do conflito de nove anos, desencadeando cenas que lembram os protestos da primavera árabe de 2011 nas ruas da cidade de Sweida, nominalmente governada e leal, esta semana.

"Não queremos viver, queremos morrer com dignidade", e "Aquele que passa fome ao seu povo é um traidor", cantam os manifestantes enquanto marcham por dias consecutivos na cidade do sul, apelando para a queda do presidente e do partido Baath no poder. Outra demonstração está agendada para sábado.

Assad quase venceu a guerra da Síria, mas atualmente está lutando em várias outras frentes, incluindo a ameaça do coronavírus, uma disputa com o homem mais rico da Síria, seu primo Rami Makhlouf, e equilibrando os interesses divergentes de seus apoiadores em Moscou e Teerã.

O maior problema do presidente, no entanto, de longe, é a turbulência financeira ao lado, no Líbano, que ajudou a enviar a economia síria para o colapso. Novas sanções dos EUA contra o seu regime que entrarão em vigor na próxima semana podem ser potencialmente devastadoras.

A moeda da Síria já deu o nariz nos últimos meses, caindo esta semana para um recorde de 3.500 libras para o dólar no mercado negro, em comparação com 700 no início do ano. Como resultado, o custo de vida disparou e os conceitos básicos como farinha, açúcar, arroz e medicamentos são cada vez mais difíceis de encontrar.

Mais de 80% do país vive agora abaixo da linha de pobreza, enquanto os filhos dos oficiais do regime exibem carros desportivos, jóias e engenhocas tecnológicas nas suas contas Instagram.

Na quinta-feira, Assad demitiu seu primeiro-ministro, Imad Khamis, numa tentativa de apaziguar a crescente raiva pública, mas mesmo em fortalezas assadistas como a cidade costeira da Latáquia o povo está se tornando mais corajoso em suas críticas à corrupção do regime. Nas últimas semanas, figuras públicas, incluindo deputados, líderes empresariais e membros do exército, criticaram abertamente a política governamental.

"Quando seus filhos têm fome, você não pensa em homens fortes, você não pensa no que a Rússia quer, você não se preocupa com a geopolítica. Você culpa a pessoa que está no comando. E eu vejo isso acontecer diariamente, desde pessoas muito acima no regime até o lealista médio", disse o ativista Shoueb Rifai.

"O maior risco de Assad já não é o que Putin quer, ou o que o Irão quer, ou o que as potências regionais estão a planear. É o seu próprio povo, sentado numa panela de pressão".

Entretanto, no noroeste da província de Idlib, a última parte do país controlada por grupos sunitas da oposição, o colapso da moeda fez com que o preço do pão subisse 60%, provocando manifestações contra o Hayat Tahrir al-Sham (HTS), o grupo jihadista dominante na região.

Enquanto a lira turca está em circulação em áreas rebeldes há anos, a ala civil do HTS anunciou na quinta-feira que começará a pagar salários na moeda turca para isolar a população local da queda contínua da libra síria.

Apesar de um cessar-fogo mediado por Ancara e Moscou, esta semana também viu aviões de guerra russos realizarem os primeiros ataques aéreos ao Idlib e aos arredores em três meses, nos quais pelo menos três pessoas foram mortas.

O impulso para retomar Idlib no início deste ano causou a pior crise de deslocamento da guerra da Síria até hoje, levando 1 milhão de pessoas de suas casas para campos já superlotados na fronteira com a Turquia.